

**VITOR HUGO FREITAS CAVALCANTI**

**Religiosidade: Fonte para o sentido da vida, um  
olhar de Rubem Alves.**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

COGEAE

2013

# **TEMA: Religiosidade: Fonte para o sentido da vida, um olhar de Rubem Alves.**

Monografia apresentada para Banca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por Vitor Hugo Freitas Cavalcanti, como cumprimento das exigências do curso de Especialização em Ciências da Religião, sob a orientação da Profa. Ms. Maria Celina de Queirós Cabrera Nasser.

PUC-SP  
COGEAE  
2013

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

## DEDICATÓRIA

À minha esposa Raquel,  
Que me apoiou incondicionalmente.

À Minha Filha: Giovanna,  
Que foi paciente enquanto eu me dedicava aos estudos.

Agradeço imensamente:

A Deus.

À minha esposa Raquel e filha Giovanna, pela compreensão da ausência,  
carinho e incentivo durante essa jornada.

À minha orientadora Profa. Ms. Maria Celina de  
Queirós Cabrera Nasser, pela paciência dispensada.

Aos mestres, de agora e do passado, pela inspiração.

## RESUMO

Falar do sentido da vida pela via religiosa nos coloca no caminho para perceber os motivos que fazem com que homens e mulheres de diferentes camadas sociais levantem a bandeira da fé. A fé vivida e expressada nos diferentes sistemas religiosos e dada a vasta multiplicidade de cores confessionais que conhecemos nos permitem compreender a efervescência religiosa de nossos dias. Devido ao fato da religião ter enfrentado em séculos passados e atuais a enchente de teses científicas contra a religião, é curioso ver que ela ainda permanece de pé. A vitalidade que ora percebemos na religião só nos leva a uma conclusão: que ela ainda continuará de pé por muito tempo. Milhares e milhares de pessoas tem encontrado na religião o ombro amigo da vida, encontrado conforto para as dores e esperança para a vida futura. Assim, a religião se apresenta como um dos caminhos que ofertam sentido à vida, ofertam sentido à existência do ser humano. A humanidade caminha em busca de construir um mundo que faça sentido e as teias da religião tem participado deste processo.

**Palavras-chave: sentido da vida - fé – religiosidade - religião.**

## Sumário

Introdução.....	08
1. Rubem Alves – Uma história de vida .....	15
2. A Religiosidade percorrendo alguns títulos .....	18
2.1 - O Ser Humano .....	18
2.2 – A Religião .....	23
2.3 – O Sagrado e o Profano .....	29
2.4 – O Símbolo.....	34
2.5 – O Ser Humano em Crise.....	36
3 – A Religião como fonte de sentido para a vida .....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

## Introdução

Sou militar da Aeronáutica, formado em História pela Faculdade Centro Universitário Assunção (UNIFAI), tenho dois anos de curso em teologia e pretendo retomar meus estudos nesta área. A intenção ao cursar uma Especialização em Ciências da Religião era dar sequência aos estudos de religião. Com o tempo descobri que o tema era uma inquietação pessoal. O meu interesse despertou-se para pesquisar sobre este assunto, na disciplina “Tema, Abordagens, e debates no ensino religioso”, ministrada pelo Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcelos, na qual ele fez várias abordagens sobre a função da religião na sociedade, usando frases de filósofos como Kant “Eu tive de suprimir o saber para dar lugar à fé”. Outras matérias contribuíram para que eu optasse por este tema, pois, tratavam do assunto e percebi que a religião possui um lugar na sociedade e, portanto, um lugar na vida de cada cidadão.

Escolhi trabalhar com o sentido da vida em Rubem Alves primeiro devido à trajetória do autor, uma vez que saiu das fileiras da Fé cristã para depois ingressar na academia. Em segundo lugar, por ter encontrado em seus livros subsídios fascinantes sobre como a religião pode fornecer sentido para a vida. Em terceiro plano, posso citar que o tema “religiosidade como fonte para o sentido da vida, um olhar de Rubem Alves” é atual devido à religiosidade e sentido da vida serem problemáticas que estão presentes na história da humanidade desde tempos imemoriais.

Se formos à busca da origem da religiosidade humana onde ela nasceu, qual foi o lugar em que deu seus primeiros passos, vamos chegar muito longe, talvez na própria gênese humana, num mundo ainda em formação cultural, formação científica. Num mundo governado pelo total desconhecimento da origem das coisas, onde as doenças matavam sem piedade qualquer, num mundo onde se pensava que os raios eram os deuses guerreando nos céus, num mundo onde se pensava que o planeta terra era plano, num mundo fabricado e dominado pelas divindades, ou seja, tudo passava pelas mãos dos Deuses. Aquele período como disse Rubem

Alves era um tempo em que os infiéis tinham até vergonha de assumir sua posição, pois, quem não tinha fé era como se tivesse uma doença contagiosa.

Mas, qual a origem da religiosidade? Podemos sugerir que ela tenha nascido dentro do homem por algo que seja maior, mais forte, o desejo pelo transcendente tenha nascido na alma humana. A história tem mostrado que várias são as formas e expressões de religiosidade, ela é um fenômeno que tem atravessado a história do mundo, nos mais distantes lugares do globo percebe-se a fumaça da religião. Pesquisadores como Mircea Eliade se colocaram em campo e foram em busca dos povos que possuíam as culturas mais primitivas, na intenção de pesquisar se nestas regiões era possível observar este fenômeno. E constatou que a vida religiosa ali com suas peculiaridades estava também presente.

Mas o que faz o homem enveredar pelo caminho da religião? Se ela nasceu com o homem é natural que, ainda que não queira, vai ser empurrado para ela, e para elucidar esta tese podemos mencionar o grande pesquisador Carl Gustav JUNG (1875 — 1961; psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica) que trabalha a questão da memória ancestral da humanidade, e todos nós descendemos de um tronco comum e por isso temos uma memória coletiva, porém, se formos pelo caminho trilhado e defendido por sociólogos e psicólogos, encontraremos a afirmação de que a religião foi produzida e construída para a defesa e sobrevivência da sociedade. Por exemplo, Karl Max (1818 — 1883; filósofo, cientista político, e socialista revolucionário alemão) concordava com essa visão da religião como *auto-alienação* e, portanto, como refúgio humano. Contudo, a citação de Marx em que se afirma que *a religião é o ópio do povo* é frequentemente citada como prova de que o pensamento marxista seria anti-religioso. No entanto, essa passagem precisa ser entendida dentro do seu contexto e vista na sua integralidade:

*A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo (MARX, 2005, p.145).*

Note-se que a referência ao ópio, que na época de Marx era uma droga de aristocratas e burgueses ociosos, aponta para o sentido de que a religião é o escape, uma fuga à “*miséria real*” disponível para a criatura “*oprimida*”. Ao designar a religião como um “*protesto*” contra essa miséria e como “a alma de um mundo sem coração”, demonstra certa compreensão do fenômeno religioso, apontando para uma busca das necessidades e, portanto, desejo de satisfação pela via religiosa. Neste sentido, é considerada até mesmo simpatia. Escreve, porém, definindo o caráter ilusório da religião ao afirmar que: “A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo” (MARX, 2005, p. 146). Neste sentido, Marx analisa a religião do ponto de vista social, vendo-a como um recurso usado pelos poderosos para alienar os homens das realidades cruéis pelos quais passavam. Sua crítica era então direcionada não à religião propriamente dita, mas sim à situação vigente.

Na escola marxista, a religião é tratada como uma força que não contribui para o bem do povo, uma força usada pelas classes dominantes para oprimir as classes dominadas. As crenças religiosas são consideradas superstições prejudiciais, que servem somente para escravizar os homens.

Já para Sigmund Freud, criador e eminente figura da psicanálise, também questionou a necessidade da religião. Embora a respeitasse, via-a como problema, uma vez que arvorava em falar a verdade, quando não é nem ciência nem filosofia. Para Freud, a religião é criação humana e foi construída pelos homens com um objetivo: a preservação da espécie. Ajudar a humanidade na melhoria da qualidade de vida, portanto, na preservação da espécie.

Segundo Freud, em *O Futuro de Uma Ilusão* (1927), o homem fundou a sociedade porque dela precisava, visto que colaborando uns com os outros, seriam capazes de se defenderem das ameaças da natureza – catástrofes, doenças, fomes etc. Contudo, aponta Freud, a sociedade precisava defender-se de si mesma e foi por essa causa que o homem criou a representação da autoridade suprema, uma divindade que impõe suas leis morais, julgando e punindo os que as transgridem.

Dessa maneira, foi por *necessidade vital* que a humanidade constituiu a sociedade, e por *necessidade moral*, a religião.

Buscando entender o que está por trás da expressão religiosa no ser humano, Freud, nesta obra, levanta as seguintes questões: "onde reside a força interior das doutrinas religiosas e a que devem a sua eficácia", uma vez que as crenças religiosas "independem do reconhecimento pela razão"? A resposta apresentada por ele a esses questionamentos é encontrada na origem psíquica das idéias religiosas. Assim, para o criador da psicanálise, as idéias religiosas "não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento. São ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos". O desejo é, portanto, a marca subjetiva do homem, que busca satisfazer-se, e, segundo esse autor, constitui a causa de origem da religião, portanto, da religiosidade. Para ele, tais desejos se relacionam a quatro momentos: à necessidade de proteção inscrita na subjetividade sob o registro do desamparo vivenciado na infância; ao reconhecimento de que esse desamparo perdura por toda a vida e, portanto, necessita-se de um pai mais poderoso (um deus) que dê essa proteção frente ao temor dos perigos da vida; ao estabelecimento de uma ordem moral mundial que assegure as exigências de justiça e, finalmente, ao desejo de prolongamento da existência.

Na vida podemos encontrar muitas atividades que preenchem o vazio existencial, e a religião tem ocupado, há muitos séculos, certa primazia, haja vista, a variedade e diversidade religiosa de nossos dias. A religião tem conseguido suprir a angústia existencial em que se encontra a humanidade, que se lança à procura de um sentido para sua vida, desejando preencher o seu vazio através da religiosidade.

O ser religioso se religa, relaciona sua existência com um Princípio Supremo que rege e dá sentido a tudo o que existe. Ela se apresenta como forma de proteção e busca. De fuga e de refúgio. O ser humano é um ser que se direciona para o religioso nas suas mais diversas formas de expressão.

Diante da pergunta: o sentido da vida pode ser encontrado na religiosidade? A hipótese provável é que a religião é capaz de fornecer sentido à vida das pessoas. A fórmula deste sentido está na hipótese de que a religião, pelo fato de ofertar respostas para a morte, respostas para o sofrimento, oferece conforto no momento de angústia. Assim, acredito estar no caminho para responder a questão - a religião fornece sentido à vida.

O trabalho aqui desenvolvido visa fornecer indicações de que a religião continua viva e presente no seio da sociedade. E está viva devido ao fato de ser responsável em contribuir com o sentido da vida e existência humana. Mesmo na era do conhecimento e de tantos avanços tecnológicos, o espaço da religiosidade continua aberto na alma do ser humano.

A hipótese do trabalho é construída com base no livro *O que é religião* de Rubem Alves. Escolhi o livro deste autor por encontrar nele resposta para a indagação: a religiosidade pode ser fonte para o sentido da vida? Deus existe? A vida tem sentido? O universo tem uma face? A morte é minha irmã? As hipóteses foram confirmadas e a expectativa foi atendida; a base teórica se encontra nas argumentações de Rubem Alves. Usei também o livro de José Severino Croatto *As Linguagens da Experiência Religiosa* para o sentido do desejo que habita o ser humano. A tese de dissertação de Wagno Alves contribui para elucidar a ideia de que a ciência proporciona um ambiente de incertezas e não foi capaz de responder ao vazio deixado pela religião. Outros teóricos como Karl Marx, Freud, Marx Weber ajudaram a explicar como a religião serve como argamassa para a manutenção da sociedade, além de outros como Peter Berger. Autores esses usados como referência por Rubem Alves.

A monografia foi desenvolvida em etapas de construção de seus pontos e ideias principais. Primeiro, foi realizada a leitura da obra de Rubem Alves e em paralelo a anotação das ideias principais. O mesmo procedimento para o livro de Croatto, porém, apenas leitura de alguns tópicos. Dos escritos de Peter Berger foram realizadas leituras parciais e anotados os pontos principais. A tese de Wagno

Alves surgiu em meio às pesquisas de teóricos logo que iniciado o trabalho. Assim como Berger, Marx, Freud e Weber.

Com a leitura realizada, foi confeccionados os capítulos e subdivisões da monografia. Iniciei o trabalho em cima dos capítulos, usando todas as anotações das leituras realizadas. A introdução, considerações finais, resumo e bibliografias foram feitos após a conclusão dos capítulos.

Para atingir os objetivos propostos, esta monografia será dividida em três capítulos. No primeiro capítulo: *Rubem Alves – Uma breve história*, apresentaremos um breve relato da infância, da família; onde cursou teologia, local que pastoreou sua primeira congregação presbiteriana, seus estudos acadêmicos e como foi acusado de subversivo para a ditadura militar. No segundo capítulo: a Religiosidade percorrendo alguns títulos – tentaremos apresentar como o ser humano caminha para a religião, como ele se comporta frente ao ambiente sagrado, ao ambiente profano. Aqui teremos uma comparação entre o animal e o ser humano produzido por Rubem Alves, ele nos diz que podemos prever tudo que um animal fará durante sua existência, porém, quando do ser humano é difícil prever que produções, que caminho, o que sairá de suas mãos, pois, o animal se adapta ao mundo, já o ser humano transforma o mundo. No subtítulo – A religião: apresentaremos como a religião ainda permanece viva no seio da sociedade. Falaremos sobre o embate entre a ciência e a religião, como a ciência produziu tanto conhecimento, mas, mesmo assim não foi capaz de preencher a lacuna deixada pela religião. Outro assunto aqui mencionado será a ideia de que a ciência vive de incertezas pelo fato de suas verdades serem substituídas por novas descobertas e isso tem produzido um ambiente social de insegurança. No segundo capítulo, no subtítulo – O Sagrado e o Profano: apresentaremos como o ser humano diferencia o ambiente sagrado do ambiente profano. As diferenças dos ambientes e o que é necessário para fazer com que o ambiente profano vire sagrado. No último título – O Símbolo: apresentaremos como os símbolos explicam aquilo que não temos palavras para expressar. Os símbolos passaram a representar aquilo não temos contato no nosso cotidiano. Nas palavras de Rubem Alves, eles são: “testemunha das coisas ausentes, saudades

das coisas que ainda não nasceram...”; mostraremos que os símbolos não só usados na esfera do religioso, mas, que sua utilização é variada, estando presente em bandeiras, camisas e nome de empresas. No terceiro capítulo – A Religião como Fonte de Sentido para a Vida: apresentaremos como a religião fornece sentido à vida mesmo com toda a crítica que a cientificidade tem feito; mostraremos que o ser humano busca criar um mundo ideal que faça sentido; tentaremos encaminhar respostas a questão: qual o sentido da vida? E outras indagações sobre se a vida tem sentido, vale a pena viver.

## 1. Rubem Alves – Uma história de vida

Rubem Alves nasceu no dia 15 de setembro de 1933, em Boa Esperança, sul de Minas Gerais, naquele tempo chamado de Dores da Boa Esperança. A cidade é conhecida pela serra imortalizada por Lamartine Babo e Francisco Alves na música “Serra da Boa Esperança”.

A família mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1945, onde, apesar de matriculado em bom colégio, sofria com a chacota de seus colegas que não perdoavam seu sotaque mineiro. Buscou refúgio na religião, pois vivia solitário, sem amigos. Teve aulas de piano, mas não teve o mesmo desempenho de seu conterrâneo, Nelson Freire. Foi bem sucedido no estudo de teologia e iniciou a carreira dentro de sua igreja como pastor em cidade do interior de Minas.

No período de 1953 a 1957, estudou Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas (SP), tendo se transferido para Lavras (MG), em 1958, onde exerce as funções de pastor naquela comunidade até 1963.

Casou-se em 1959 e teve três filhos: Sérgio (1959), Marcos (1962) e Raquel (1975). Foi ela sua musa inspiradora na feitura de contos infantis.

Em 1963, foi estudar em Nova York, retornando ao Brasil no mês de maio de 1964 com o título de Mestre em Teologia pelo Union Theological Seminary. Denunciado pelas autoridades da Igreja Presbiteriana como subversivo, em 1968, foi perseguido pelo regime militar. Abandonou a igreja presbiteriana e retornou com a família para os Estados Unidos, fugindo das ameaças que recebia. Lá, torna-se Doutor em Filosofia (Ph. D.) pelo Princeton Theological Seminary. Sua tese de doutoramento em teologia, “A Theology of Human Hope”, publicada em 1969 pela editora católica Corpus Books é, no seu entendimento, “um dos primeiros brotos daquilo que posteriormente recebeu o nome de Teoria da libertação” <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> (internet <http://www.rubemalves.com.br/tuneldotempo.php>).

De volta ao Brasil, por indicação do professor Paul Singer, conhecido economista, é contratado para dar aulas de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (SP).

Em 1971, foi professor-visitante no Union Theological Seminary. Em 1973, transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, como professor-adjunto na Faculdade de Educação. No ano seguinte, em 1974, ocupa o cargo de professor titular de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), na UNICAMP.

É nomeado professor titular na Faculdade de Educação da UNICAMP e, em 1979, professor livre-docente no IFCH daquela universidade. Convidado pela "Nobel Foundation", profere conferência intitulada "The Quest for Peace".

Na Universidade Estadual de Campinas, foi eleito representante dos professores titulares junto ao Conselho Universitário, no período de 1980 a 1985, Diretor da Assessoria de Relações Internacionais de 1985 a 1988 e Diretor da Assessoria Especial para Assuntos de Ensino de 1983 a 1985. No início da década de 80 torna-se psicanalista pela Sociedade Paulista de Psicanálise.

Em 1988, foi professor-visitante na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Posteriormente, a convite da "Rockefeller Foundation" fez "residência" no "Bellagio Study Center" Itália.

Na literatura e na poesia encontrou a alegria que o manteve vivo nas horas más por que passou. Admirador de Adélia Prado, Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Octávio Paz, Saramago, Nietzsche, T. S. Eliot, Camus, Santo Agostinho, Borges e Fernando Pessoa, entre outros, tornou-se autor de inúmeros livros, é colaborador em diversos jornais e revistas com crônicas de grande sucesso, em especial entre os vestibulandos.

Afirma que é “psicanalista, embora heterodoxo”, pois nela reside o fato de que acredita que no mais profundo do inconsciente mora a beleza<sup>2</sup>. Após se aposentar, tornou-se proprietário de um restaurante na cidade de Campinas, onde deu vazão a seu amor pela cozinha. No local eram também ministrados cursos sobre cinema, pintura e literatura, além de contar com um ótimo trio com música ao vivo, sempre contando com “canjas” de alunos da Faculdade de Música da UNICAMP.

O autor é membro da Academia Campinense de Letras, professor-emérito da Unicamp e cidadão-honorário de Campinas, onde recebeu a medalha Carlos Gomes de contribuição à cultura.

---

<sup>2</sup> (internet <http://www.rubemalves.com.br/tuneldotempo.php>).

## 2. A Religiosidade percorrendo alguns títulos

### 2.1 - O Ser Humano

Rubem Alves, no capítulo 2 da sua obra “O que é religião?” (12ª edição de 2011), inicia seu texto falando da adaptação do animal ao mundo para depois compará-lo ao ser humano, assim, o estudioso estimula nossa curiosidade para tentar entender o processo que desemboca na religiosidade humana.

*Ao longo de centenas de milhares de anos, os animais conseguiram sobreviver por meio da adaptação física. Seus dentes e suas garras afiadas, os cascos duros e as carapaças rijas, seus venenos e odores, os sentidos hipersensíveis, a capacidade de correr, saltar, cavar, a estranha habilidade de confundirem-se com o terreno, com as cascas das árvores, com as folhagens, todas estas são manifestações de corpos maravilhosamente adaptados à natureza ao seu redor. Mas a coisa não se esgota na adaptação física do organismo ao ambiente. O animal faz com que a natureza se adapte a seu corpo. E vemos a represa construída pelos castores, os buracos-esconderijos dos tatus, os formigueiros, as colmeias de abelhas, as casas de João-de-barro... E o extraordinário é que toda essa sabedoria para sobreviver e arte para fazer seja transmitida de geração a geração, silenciosamente, e sem palavras e sem mestres. Lembro-me daquela vespa caçadora que sai em busca de uma aranha, luta com ela, pica-a, paralisa-a, arrastando-a então para seu ninho. Ali deposita seus ovos e morre. Tempos depois, as larvas nascerão e se alimentarão da carne fresca da aranha imóvel. Crescerão. E, sem haver tomado lições ou frequentado escolas, um dia ouvirão a voz silenciosa da sabedoria que habita seus corpos, há milhares de anos: “Chegou a hora. É necessário buscar uma aranha...” (ALVES, 2011, p. 17).*

...

*Os pintassilgos cantam hoje como cantavam no passado, e as represas dos castores, as colmeias das abelhas e os formigueiros têm permanecido inalterado por séculos. Cada corpo produz sempre a mesma coisa. O animal é seu corpo. Sua programação biológica é completa, fechada, perfeita. Não há problemas não respondidos. E, por isso mesmo, ele não possui qualquer brecha para que alguma coisa nova seja inventada, os animais praticamente não possuem uma história, tal como a*

*entendemos. Sua vida se processa num mundo estruturalmente fechado. A aventura da liberdade não lhes é oferecida, MS não recebem em contrapartida a maldição da neurose e o terror da angústia. (ALVES, 2011, p.18).*

O autor começa a nos levar para um passeio comparativo e cheio de significações relevantes para o entendimento da profunda religiosidade que habita o ser humano.

O animal possui um corpo biologicamente programado para determinado fim, seus conhecimentos são transmitidos de geração a geração sem que ninguém lhes ensine uma só palavra, o peixe foi feito para viver na água, os passáros para voarem, quando analisamos os animais por este angulo percebemos que o poder de escolha não lhes foi dado, são o que são. Os animais não possuem a aventura da liberdade, não lhes foi dado o poder da escolha, não podem escolher onde morar, que amigos terão, que profissão seguirão, seu mundo é fechado, seu corpo é programado para determinada tarefa, assim, é com todos eles. O mundo do animal é seu corpo. Sua programação biológica é completa, fechada, perfeita. Não há problemas não respondidos. E, por isso mesmo, ele não possui qualquer brecha para que alguma coisa nova seja inventada. Sua vida se processa num mundo estruturalmente fechado.

Como são diferentes as coisas com o ser humano! Segundo Rubem Alves, se o corpo do animal me permite prever que coisas ele produzirá – a forma de sua concha, de sua toca, do seu ninho, o estilo de sua corte sexual, a música de seus sons – e as coisas por ele produzidas me permitem saber de que corpo partiram, não existe nada semelhante que se possa dizer dos homens. Tomemos uma criança recém-nascida. Do ponto de vista genético, ela já se encontra totalmente determinada: cor da pele, dos olhos, tipo de sangue, sexo, suscetibilidade a enfermidades. Mas como será ela? Gostará de música? De que música? Que língua falará? E qual será seu estilo? Por que ideais e valores lutará? E que coisas sairão das suas mãos? O animal é seu corpo, diferentemente, o ser humano tem seu

corpo. Não é o seu corpo que o faz. É ele que faz seu corpo. A programação biológica diz muito pouco, acerca do que iremos fazer por este mundo afora.

Para o autor aqui estudado, é impossível determinar que tipo de produções humanas o ser humano fará ao longo de sua vida. A previsão do pássaro é certa: voar, pois, a sua composição física é preparada para esta finalidade, porém, do ser humano não podemos prever. Portanto, temos o poder da liberdade e podemos utilizá-la para estar com quem quisermos, fazer o que desejarmos, plantar, criar, amar, enfim, trilhar qualquer caminho.

Para Rubem Alves, o ser humano quis ser mais do que a natureza, à semelhança dos animais, o passado lhes propunha. E a grande pergunta é, donde saiu tanta inspiração para criar aparelhos, plantar seus jardins, construir casas e palácios, trabalharem metais, viajarem até o espaço, inventarem bandeiras, construir altares, enterrarem seus mortos. Nem Rubem Alves sabe responder a esta questão.

O corpo deixou de ser entidade da natureza para ser ele mesmo transformado em entidade da cultura. Foi preciso a imaginação ficar grávida para que o mundo da cultura nascesse. Agora amordaçado dentro de si, o indivíduo não consegue fazer tudo que deseja. A cultura produzida é responsável por dar forma a este mundo imaginado, sonhado e desejado, um mundo que faça sentido.

Rubem Alves usa a psicanálise para dizer que o ser humano faz cultura a fim de criar os objetos do seu desejo. E ainda diz que o projeto inconsciente do ego, não importa seu tempo nem lugar, é encontrar um mundo que possa ser amado.

Não existe cultura sem educação. Esta é a razão por que, diferentemente dos animais, as crianças precisam ser ensinadas. Cada indivíduo que se aproxima de uma criança e com ela interage, conta histórias, ensina canções, faz gestos, estimula, aplaude, ri, repreende, ameaça, é um professor que lhe descreve um mundo inventado, um mundo imaginado.

Qual a finalidade para criar este mundo!!!

*Tenho de confessar que não sei dar resposta a essas perguntas. Constato, simplesmente, que é assim. E tudo isso que o homem faz me revela um mistério antropológico: os animais sobrevivem pela adaptação física ao mundo: os homens, ao contrário, parecem ser constitucionalmente desadaptados ao mundo, tal como lhes é dado. Nossa tradição filosófica fez seus mais sérios esforços para demonstrar que o homem é um ser racional, ser de pensamento. Mas as produções culturais que saem de suas mãos sugerem, ao contrário, que o homem é um ser de desejo. Desejo é sintoma de privação, de ausência. (ALVES, 2011, p. 21)*

Para Rubem Alves, a religiosidade humana só existe por que o ser humano é um ser de desejo, um ser que se encontra privado, que sente saudade, sente ausência; que não encontra prazer naquilo que o espaço e o tempo presente lhes oferecem; inclusive compara o desejo da fome com o sentimento da ausência, só tem fome quem está de barriga vazia, só temos saudades dos entes queridos quando nos encontramos longe, então, esse anseio da humanidade, este desejo/ausência que muitas vezes somos deparados na vida, é saudade de quê? Sentimos a ausência de que? É aí justamente que aparece a religião para tentar dar a resposta aos anseios do coração humano. “Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza.” (ALVES, 2011, p. 24). “A religião é um sonho da mente humana...” L. Feuerbach.

Nesta tentativa de dar sentido à vida, a religião é uma poderosa ferramenta para a humanidade. Podemos sonhar com mundo melhor, perfeito, harmonioso, onde as pessoas vivam em paz, um mundo sem guerra, sem enfermidades, onde o corpo não sofrerá com dores, com prisões, um mundo ideal que somente a religião seria capaz de fornecer, pois, pode ainda fornecer a esperança da vida após a morte, não temos que nos preocupar com a morte que é pavorosa, na religião ela se torna amiga, a esperança da ressurreição encontra sua origem. A vida pensada pela religião é menos dolorosa.

Se pudermos concordar com a afirmação de que aqueles que habitam um mundo ordenado e carregado de sentido gozam de um senso de ordem interna, integração, unidade, direção e se sentem efetivamente mais fortes para viver (Durkheim, in ALVES, 2011, p. 34), teremos então descoberto a efetividade e o poder dos símbolos e vislumbrado a maneira pela qual a imaginação tem contribuído para a sobrevivência dos homens. Para Durkheim se for possível comprovar os conjuntos de ordenanças que produzam equilíbrio nas pessoas que gozam de uma vida religiosa, será possível dizer que a religião produz sentido para a vida.

Mas para Rubem Alves a cultura fracassou mesmo com seus triunfos técnicos e práticos, e justamente no ponto que ela fracassou que brota o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram...

Albert Camus<sup>3</sup> dizia que os homens não vivem só de pão. Vivem também de símbolos, porque sem eles não haveria ordem, nem sentido para a vida, nem vontade de viver.

Para Rubem Alves, os símbolos respondem a necessidades tão poderosas quanto ao sexo e a fome: a necessidade de viver num mundo que faça sentido. Quando os esquemas de sentido entram em colapso, ingressamos no mundo da loucura.

Bem dizia Camus que o único problema filosófico realmente sério é o do suicídio, pois ele tem a ver com a questão se a vida é digna ou não de ser vivida. E o problema não é material, mas simbólico. Não é a dor que desintegra a personalidade, mas a dissolução dos esquemas de sentido. Esta tem sido uma trágica conclusão das salas de tortura.

Diante da necessidade que enfrentamos para suportar as dores, sofrimentos, decepções, a grande aposta é que na religião, por meio de seus símbolos o que se busca, como esperança e utopia, como projeto inconsciente do ego, é um mundo

---

<sup>3</sup> Albert Camus, 1913-1960, escritor e filósofo francês.

que traga as marcas do desejo e corresponda as aspirações do amor...isto não existe... e a religião aparece como a grande hipótese e aposta de que o universo inteiro possui uma face humana... e o ser humano diz a religião, este universo siombólico “que proclama que toda a realidade é portadora de um sentido humano e invoca o cosmos inteiro para significar a validade da existência humana” (Berger & Luckmann, in ALVES, 2011, p. 34).

O ser humano deseja suprir seu desejo, suprir a necessidade da ausência, por meio da religião, dos símbolos e encontrar uma vida que faça sentido.

## 2.2 – A Religião

Em meio a uma constante busca do ser humano para entender o mundo, a religião pode ser entendida na visão de Marzal e Almeida como um sistema de crenças, de ritos, de formas de organização e até de normas éticas, que permitem aos membros de uma sociedade de comunicar-se com os seres divinos ou seres intermediários e através disto encontrarem um sentido último e transcendental para a vida.

Houve um tempo em que a religião predominava como a única senhora dona de toda a verdade. Tudo encontrava resposta no seio da religiosidade. Quem era contra o sistema estava condenado a pagar com a própria vida. Os descrentes eram como lepra que deviam ser evitados, e eles mesmos se escondiam com vergonha. De fato, eles eram considerados possuidores de uma peste contagiosa, tanto que muitos foram queimados na fogueira para que a sua desgraça não contaminasse os inocentes.

Aquele mundo era educado para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa do dia-a-dia girava em torno de visões que sustentavam, confirmava a experiência do sagrado, visões de anjos, relatos de milagres, aparições, experiências místicas, divinas e demoníacas, que confirmavam que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual.

Aquele período era profundamente marcado pelo mundo religioso e podemos notar sua influência no canto gregoriano, a música de Bach, a catedral gótica, a Divina Comédia, desta forma, constatamos que viviam a vida temporal sob a luz e trevas da eternidade. A dimensão de sagrado envolvia a vida toda, os reis eram por ele determinado, e tinha que ter a chancela do representante de Deus na terra, cada compartimento da vida girava em direção ao divino, não era difícil perceber o mundo sagrado ao redor, era a intenção revelar Deus em cada detalhe da vida, seja na pintura, na escultura, na construção das catedrais, e tudo que ameaçasse a soberania deste reinado era tido como do demônio. O que era contrário logo era taxado como diabólico.

Segundo Berger, a religião faz parte do mundo criado pelo ser humano, como também da cultura estabelecida por uma comunidade de homens ou, antes, por uma sociedade, já que existe mais um acordo do que uma essência comum entre os indivíduos que compõem essa sociedade. Para Berger, a religião é a construção de um dossel sagrado que serve para explicar os fenômenos.

A religião não desapareceu, acentua Rubem Alves, “ela permanece e frequentemente exhibe uma vitalidade que se julgava extinta” (ALVES, 2011, p.10). A religiosidade e a espiritualidade estão presentes na vida humana de forma incontestável. Manifestações religiosas de diferentes matizes asseguram a sua permanência. Para Alves (2011):

*É fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima da experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que vemos a nós mesmos. (ALVES, 2011, p. 13).*

Percebe-se, pela declaração de Rubem Alves, que os elementos religiosos e, portanto, da religiosidade, compõem o panorama da existência humana e que

estudar a religião é reconhecer o humano e compreendê-lo melhor. Não se pode entender a existência humana sem se enveredar pelos caminhos da Religiosidade. Conforme testifica Ludwig Feuerbach, citado por Alves, “A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do ser humano, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de amor”. (ALVES, 2011, p. 13) O ser humano é tão religioso quanto humano.

Ao estudarmos a história humana perceberemos que o ser humano é um ser religioso desde seus primórdios. Poderíamos usar um dos pensamentos de Carl Gustav Jung<sup>4</sup>, quando este trata do tema dos arquétipos, que nos diz que na realidade o ser humano sente saudade da Grande Mãe, sente saudade do ventre da Grande Mãe. A humanidade parece ter, na interpretação deste autor, uma origem comum e, por isso, justifica essa necessidade universal de algo transcendental que estaria na memória de todos nós. E, percorrendo o passado, logo encontraremos o ser humano em contato com sua divindade, cortando seu corpo em adoração, oferecendo holocaustos, tentando aplacar a ira dos deuses, sejam nas regiões mais distantes que pudermos ir, lá encontraremos um foco de fumaça, a fumaça da religiosidade.

Quando os portugueses chegaram ao novo mundo, inclusive impulsionados pela religiosidade crendo estarem a serviço de Deus, crendo que a nação lusitana fora escolhida por Deus para um grande comissionamento, o de levar Cristo aos nativos da terra conquistada. Tal era a crença que Igreja e Estado se unem para esta tão grande missão. Aqui chegando encontraram os habitantes locais com suas adorações e suas formas de religiosidade particulares, que logo foram enquadradas como obra do mal. Muitos foram os deuses que se perderam no desenrolar da história humana, isto se deve ao fato de que muitos povos foram conquistados e os vencedores levavam seus deuses para estes novos santuários locais. O deus do vencedor era considerado como o mais forte e assim, ocuparia o seu lugar de destaque por ter ajudado na batalha provando ser o mais forte.

---

<sup>4</sup> Carl Gustav Jung, 1875 – 1961, psiquiatra suíço, fundador da Psicologia Analítica.

“É na religião que podemos enxergar as profundezas da alma humana conforme diz Feuerbach ‘A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem’ (ALVES, 2011, p. 13), em qual outra situação da vida encontraremos o ser humano fazendo loucuras se não dentro de sua religiosidade. Um exemplo: um devoto subir centenas de degraus de joelho, ou caminhar descalço e, às vezes, carregando peso nas mãos, dentro do muro da religião é o local que nos sentimos como que nus, e realizamos coisas que normalmente teríamos ou sentiríamos vergonha.

Mas é justamente aí que mora o grande segredo da religião - fornecer a sensação de outro ambiente, no qual o local profano se torna o solo sagrado. Para Mircea Eliade, “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo ser humano ao longo da sua história” (ELIADE, 1992, p. 14). Desta fala, podemos concluir que o ser humano é um ser religioso e que sua busca religiosa faz parte de sua natureza religiosa – *um homo religiosus*. Ao empreender-se nessa busca pela experiência religiosa, a humanidade está nada mais nada menos do que realizando sua tendência natural. Dentro das fronteiras do solo sagrado da religião habita a imortalidade e a eternidade, o sagrado exige reverência, então, eu preciso me adequar a esta realidade. É uma verdadeira loucura esta relação de sagrado e profano, devido ao fato de que uma pedra, uma pedra apenas recebe novos contornos quando se encontra dentro deste contexto. No ambiente sagrado, a pedra, agora, é a pedra do milagre. Assim, podemos observar a fronteira existente entre estes dois ambientes.

Para Heschel as ações religiosas não podem ser analisadas separadamente dos seus acontecimentos. Ao assombro produzido pela vida é na religião que as dores diminuem.

*...a religião é mais do que um credo ou uma ideologia, e não pode ser compreendida separadamente das ações e dos acontecimentos.*

*A religião brota nos momentos em que nossa alma é sacudida pela ansiedade implacável sobre o significado de todos os*

*significados, sobre nosso compromisso final, que é parte integrada à nossa própria existência; nos momentos em que se interrompem todas as decisões tomadas previamente, todas as trivialidades que sufocam a vida são suspensas. (HESCHEL, 2006, p. 24).*

Para Heschel a religião responde ao maior de todos os significados da vida e é neste ponto central que as coisas simples perdem valor. Mas, a religião ainda consegue responder aos anseios das pessoas. Quando analisamos as religiões e notamos seu crescimento, percebemos que elas estão muito presentes em nosso dia-a-dia. Mesmo com os avanços científicos e com a previsão de alguns pensadores que a religião estaria com os dias contados como diz Rubem Alves abaixo.

*Porém, o encanto acabou anjos, virgens, milagres se tornaram cada vez mais raros, pois, a ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus Não era mais necessário.*

*Desapareceu a religião? De forma alguma. Ela permanece e frequentemente exhibe uma vitalidade que se julgava extinta. Porém não mais frequenta os lugares dos saberes científicos. (ALVES, 2011, p. 10).*

A religião pode estar capengando frente aos desafios oferecido pela ciência, mas, uma coisa é certa ela ainda está de pé. Não frequenta lugares nobres. Ainda que a ciência explique tudo pela lógica matemática. Mesmo assim, a religião continuará desafiando as previsões. O detalhe é que o ser humano é um ser de desejo e imaginação que foge ao domínio matemático.

Para Rubem Alves, frente ao avanço da ciência que se emancipou da religião e não necessita de permissão para atuar na arena do conhecimento, a religião acabou perdendo seu espaço de influência. A ciência, através da experiência, é capaz de provar suas descobertas, por meio da prova científica; a ciência não fica no campo das especulações filosóficas, nem teóricas ela é prática. Conforme diz David Hume:

*“Quando percorremos nossas bibliotecas, convencidos desses princípios, que destruição temos de fazer!”*

*Se tomarmos em nossas mãos qualquer volume, seja de teologia, seja de metafísica escolástica, por exemplo, perguntemo-nos: será que ele contém qualquer raciocínio abstrato relativo à quantidade e ao número? Não. Será que ele contém raciocínios experimentais que digam respeito a matérias de fato e à existência? Não. Então, lançai-os às chamas, pois ele não pode conter coisa alguma a não ser sofismas e ilusões”.* David Hume (ALVES, 2011, p. 38).

Na medida em que a ciência começou a explicar só fenômenos da natureza, começou a fazer descobertas que explicavam o mundo, começou a criar soluções para as várias doenças que atormentavam as pessoas, ela passou a trazer conforto e segurança para o mundo, não havia mais necessidade das explicações fornecidas pela religião. Esta passou a ser tida como algo do passado, o atraso, a ignorância da idade média que é tida como um período negro da história, Idade das Trevas, e entendida como princípio infantil de povos e grupos não evoluídos, utopia, ópio, ideologia. Neste cenário de avanço da ciência e regressão da religião, não foram poucos os que escreveram sobre o fim da religião e o advento de uma ordem social secularizada e profana.

Rubem Alves ainda fala do pensamento de Rickert, que dizia que com o triunfo da burguesia Deus passou a ter problemas habitacionais crônicos. Despejado de um lugar, despejado de outro... (ALVES, 2011, p. 50). Gradativamente foi empurrado para fora do mundo. E com Deus fora do mundo, o ser humano pode livremente dominar a terra. Com Deus fora do mundo as áreas de influência foram divididas. Os comerciantes e políticos passaram a dominar a terra, os mares, os rios, os campos, as cidades, as fábricas, os bancos, os mercados, os lucros, os corpos das pessoas. Para a religião foi deixado apenas o cuidado da salvação e a cura das almas aflitas.

O irônico para Rubem é que certas realidades antropológicas permanecem, a despeito de tudo. O terror da morte ainda assola as pessoas. Mesmo os comerciantes e banqueiros têm alma, não lhes bastando a posse da riqueza,

querem ter certeza que a riqueza foi merecida, e buscam nela os sinais do favor divino. Na outra ponta temos os operários, camponeses que possuem almas e necessitam ouvir as canções do céu a fim de suportar as tristezas da terra. Rubem pensa que sobreviveu o sagrado como religião dos oprimidos.

É neste cenário que foi profetizado o fim da religião, a ciência como senhora da verdade no entanto não conseguiu fornecer os anseios da alma humana, e assim, por detrás do cenário a religião sobreviveu.

### 2.3 – O Sagrado e o Profano

Aproveitando a oportunidade creio ser interessante o tema proposto para vermos como ocorrem as designações de espaços ou separações entre sagrado e profano. Como é que o ser humano religioso consegue transitar bem entre estes dois lugares?

Como um ambiente profano poder virar um ambiente sagrado?

O centro da vida era a religião e todas as coisas que norteavam o indivíduo eram relacionadas a ela. O plantio da terra, a procriação e a diversão eram expressões religiosas, na medida em que se tornavam oferendas aos deuses. Atosexuais, orgias e danças misturavam-se à festa de Dionísio, divindade Greco-romana: Segundo Eliade (1992), a dança e a música de tambores faziam parte como cultos antigos e eram considerados fundamentais. A união entre sagrado e profano era natural num mundo onde vários eram os deuses, espíritos evoluídos, que apreciavam as coisas dos homens, ou seja, o divino também se tornava terreno, pecador.

Ao introduzir a idéia de pecado e da santidade de Deus, insatura-se então o conceito e a distinção entre sagrado e profano, pois, se distanciou de “Deus”, que

por ora era um ser próximo e íntimo do indivíduo. A religião, por meio da explicação do pecado, surge quando do despertar dessa consciência que percebe o ser humano e a natureza ao seu redor, que apreende a realidade exterior como algo que existe independente de sua vontade. Religadora do transcendente com âmbito terreno, a religião que criou as diferenças movimenta a reaproximação e a busca da restauração entre sagrado e o profano. O sagrado se configura pela experiência de viver ligado a um ser superior, e a dimensão mundana forma o âmbito do profano. O espaço recebe, então, uma dimensão ora de sacralidade, ora de profanidade.

Para Rubem nada é encontrado na natureza, seja um fato, seja alguma coisa, já com as marcas do sagrado. O sagrado não é uma propriedade das coisas. As coisas e objetos se tornam sagradas ou religiosas quando os homens os reverenciam como tais.

Para Eliade o sagrado se opõe ao profano.

*O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 1992, p. 13)*

Quando analisamos as palavras de Eliade, principalmente, no tocante aos objetos e locais que são profanos e, por algo de divino, passam a ser considerado para o ser humano religioso como sagrado. Notemos o que fala Eliade da hierofania.

Ela é a representação da realidade sagrada em algo, o que acontece é que a pedra deixa de ser pedra, não é a pedra que é adorada ou venerada, mas, ela sofreu uma hierofania e deixou de ser uma pedra, ou uma árvore, como acontece com locais sagrados. A sarça ardente onde Moisés teve sua experiência é um exemplo da manifestação do sagrado em algo profano.

Mas Elíade ainda diz que a pedra ainda é pedra, a árvore ainda é árvore, pois, continuam iguais às outras. É somente na experiência religiosa que qualquer objeto ou elemento da natureza pode tornar-se sagrado, por revelar algo de sobrenatural.

Para o ser humano religioso, o espaço não é um só: o espaço apresenta brechas, há espaços diferentes uns dos outros “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência, há outros espaços não sagrados, sem importância para a religiosidade. É exatamente pelas brechas que podemos dizer que ocorrem as hierofanias e que delas a fé do ser humano religioso é alimentada.

Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o ser humano religioso.

Elíade continua a esclarecer as diferenças de lugares através do texto extraído logo abaixo.

*A fim de pôr em evidência a não homogeneidade do espaço, tal qual ela é vivida pelo homem religioso, pode-se fazer apelo a qualquer religião. Escolhamos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde*

*se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado.* (ELIADE, 1992, p. 19)

A igreja já não é um prédio qualquer, aquele ambiente se encontra carregado das experiências simbólicas produzidas pela fé. Da porta da igreja para fora temos o espaço profano e dentro o espaço sagrado. O limiar, a porta, mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de passagem.

É lá no recinto sagrado que o mundo profano é transcendido. Dentro deste limite é que fica possível a comunicação com os deuses, lá deve existir uma abertura no alto por onde os deuses podem descer a terra e os homens subirem aos céus. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses.

Para Eliade todo espaço sagrado implica uma hierofania que tem por objeto tornar o território que o envolve em área diferente. Quando, em Haran, Jacó viu em sonhos a escada que tocava os céus e pela qual os anjos subiam e desciam, e ouviu o Senhor, que dizia, no cimo: “Eu sou o Eterno, o Deus de Abraão!”, acordou tomado de temor e gritou: “Quão terrível é este lugar! Em verdade é aqui a casa de Deus: é aqui a Porta dos Céus!” Agarrou a pedra de que fizera cabeceira, erigiu a em monumento e verteu azeite sobre ela. A este lugar chamou Betel, que quer dizer “Casa de Deus” (Gênesis, 28: 12-19). O simbolismo implícito na expressão “Porta dos Céus” é rico e complexo: a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de torná-lo “aberto” para o alto, ou seja, comunicante com o Céu, ponto paradoxal de passagem de um modo de ser a outro. (ELIADE, 1992, p. 30).

Rubem Alves usa um exemplo do jogo de xadrez e a variedade dos lances se processa sempre em cima do tabuleiro quadriculado e dividido em espaços brancos e pretos, as religiões, estabelecem uma divisão do universo, que se divide em duas partes onde tudo existe. Para ele, encontramos o espaço sagrado e dele separado com proibições, as coisas profanas. “...sagrado e profano não são propriedades das

coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes dos homens perante coisas, espaços, tempos, pessoas, ações. O mundo profano é o círculo das atitudes utilitárias”. (ALVES, 2011, p. 61).

Dentro dos limites do mundo profano tratamos de coisas concretas, visíveis, das coisas utilitárias, utilitárias são coisas que só tem valor em quanto servem para alguma coisa, à medida que perdem o valor perdem a sua importância. Assim, consideradas estão a vida e toda a máquina que é preciso para fazer a roda girar, a vida gira em torno das coisas como contas, a vida econômica, sobre a política, sobre as doenças.

Já dentro do círculo do mundo sagrado, como diz Rubem Alves, parece que uma transformação se processa e a linguagem fala de coisas invisíveis, coisas misteriosas no pensar de Rudolf Otto<sup>5</sup>, que estão além dos nossos sentidos comuns e que somente através dos olhos da fé é possível entender o mistério. “Para algumas religiões como é o caso do Zen-budismo a experiência com o sagrado, satori, é um terceiro olho que se abre para ver coisas que os outros dois não podiam ver”. (ALVES, 2011, p. 27).

O sagrado se processa dentro das esferas do poder do invisível. É por meio da linguagem religiosa que se atinge o invisível, o mistério, o que ocorre com a alma humana nas suas alegrias e angústias em contato com o sagrado, a reação quando se menciona as alturas dos céus, a dor e medo do inferno, as curas milagrosas, o paraíso, a eternidade da alma ao lado de Deus. A linguagem religiosa é tão poderosa e aqui podemos mencionar novamente como algo pode adquirir valor sagrado. Mas para Rubem Alves quando comenta do pão e do vinho que são usados na santa ceia, diz que o pão é como qualquer pão, e o vinho também, como qualquer vinho, podem ser usados em qualquer refeição ou cerimônia, são matérias profanas e nada possuem de sagrado. Porém, quando as palavras são pronunciadas – “Este é o meu corpo, este é o meu sangue...” – os objetos visíveis ganham uma nova dimensão, passam a representar sinais das realidades invisíveis.

---

<sup>5</sup> Rudolf Otto, 1869-1937, teólogo protestante alemão e erudito em religiões comparadas.

O que ocorre talvez seja o momento misterioso, usando Otto, a fé se processa e o ser humano religioso os tem como símbolos do sagrado.

Para o ser humano religioso, o sagrado tem um grande valor, pois participar de suas manifestações é participar da realidade divina; mas, devido a essa sacralização da sociedade, o ser humano moderno tem encontrado dificuldades cada vez maiores para se encontrar com as dimensões espirituais do ser humano religioso da sociedade arcaica. Hoje, pode-se dizer que a diferença entre o ser humano religioso e o não-religioso é sua maneira de ver o mundo: o que para um pode ser encarado como um ato divino ou como um ritual, para o outro pode não passar de um ato orgânico; mas também se pode afirmar que o sagrado e o profano podem se manifestar simultaneamente em uma mesma pessoa dependendo da experiência de vida que ela tem.

#### 2.4 – O Símbolo

Se quisermos entender a experiência religiosa basta entendermos o significado dos símbolos, pois, Severino Croatto<sup>6</sup> em seu livro *As Linguagens da Experiência Religiosa* afirma que o símbolo é a chave inteira da experiência religiosa; é o núcleo do fato religioso, é a linguagem fundante da experiência religiosa. Para ele uma variação infinita do inesgotável e que o ser humano é um animal simbólico, tudo o que produz é de alguma forma simbólico. O símbolo entra em ação justamente quando a realização de um ato não se torna possível, por isso, ele se torna, de certa maneira, uma “testemunha das coisas ausentes, saudades das coisas que ainda não nasceram...” (ALVES, 2011).

Observamos que os símbolos são usados em várias situações da nossa vida cotidiana e não só na religião. Podemos usar como exemplo as bandeiras dos países que na realidade são um monte de panos e cores misturados, com bordados, porém, quando pegamos a bandeira de um país e a queimamos, perceberemos que não estamos queimando um pedaço de pano qualquer, ali está representado todo

---

<sup>6</sup> Severino Croatto, 1930-2004, Exegeta do Antigo Testamento, filho de agricultores italianos que emigraram para a Argentina.

um país, a ofensa será grande demais. Peguemos uma camisa de um time de futebol corintiano e façamos o mesmo episódio da bandeira, com certeza, teremos muitos problemas, já não é uma camisa qualquer, é como se fosse a segunda pele do torcedor. Então, a bandeira é símbolo máximo de um país, grandes empresas gostam de ter símbolos vinculados a sua marca, o poder deles é tão grande que quando nos deparamos com um símbolo logo sabemos que empresa representa, podemos citar a marca de vestuário Nike, seu símbolo é mundialmente conhecido.

Segundo Rubem Alves, onde a cultura fracassa brotam os símbolos, a testemunha de coisas ausentes. Aqui surge a religião, teia de símbolos, desejos, horizontes, confissão de espera. A religião nasceu com o poder que o ser humano tem de dar nome às coisas, pois, com os símbolos sagrados, o ser humano protege seu mundo do caos e do medo. A religião transubstancia coisas inertes como a pedra e transforma em algo sagrado – o altar. O símbolo se ocupa da teia invisível das significações. As entidades religiosas são entidades imaginárias, pois, brotam da fantasia e da imaginação. A imaginação positiva contribui de maneira a ordenar e carregar a vida de sentido no mundo. Os símbolos depois de seu uso e desgaste se tornam comuns como se sempre tivessem existido, viram coisas, ou são coisificados, deixam de ser hipóteses da imaginação e se tornam manifestações da realidade. Certos símbolos congregam os homens em torno de um projeto comum, esse é o caso das religiões.

O símbolo dentro do círculo do sagrado está presente em quase todo o ambiente, pois, como comentamos no tema de sagrado e profano é no limite entre as duas realidades que percebemos cada uma separadamente. Conforme menciona Rubem Alves, temos que considerar os altares, os santuários, as comidas, os lugares, as capelas, os templos, os amuletos, os colares, os livros... E também os gestos, como os silêncios, os olhares, as rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, celebrações, as festas e as adorações, pois, são carregados de simbolismos. Estas citações são realidades comuns, do mundo palpável, das coisas concretas, porém, quando estão em contato com o mundo religioso ganham uma nova roupagem e se transformam.

*Esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com esses símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem seu mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos. (ALVES, 2011, pp. 25-26).*

É por meio do poder que o ser humano atribuiu ao símbolo que coisas inertes como árvore, gestos e pedras ganham novos contornos e significações. Passam a receber um novo valor ainda que sejam os mesmos objetos, mas, para o ser humano religioso algo aconteceu de misterioso.

Rubem Alves usa um pensamento de Albert Camus que diz que ninguém está disposto a morrer por verdades científicas. Qual a diferença se as leis da gravidade exercem ação sobre as nossas vidas, qual a diferença se os planetas estão em órbita no sistema solar. A problemática é que as verdades científicas se referem aos objetos apenas, não exercem nenhuma influência quanto à vida e a morte das pessoas, à alegria e tristeza. As verdades científicas são verdades sem emoção, inertes. O nosso futuro não depende delas, porém, quando tocamos os símbolos em que nos dependuramos, o corpo inteiro estremece. E esse estremece é a marca da experiência do sagrado.

## 2.5 – O Ser Humano em Crise

No século considerado o das trevas, a teologia reinava soberana como a única capaz de fornecer respostas para os males e dores da humanidade, sentia-se como a dona da verdade e autorizada pela chancela da divindade. Frente ao domínio da teologia, a ciência começava a lançar as bases de sua forma de estudos e técnicas. Para fazer frente à teologia, o novo sistema precisaria de terreno sólido. Assim, a ciência na luta com a teologia acabou vencedora e passou a ocupar a posição de dona da verdade. Nesta posição, a ciência quis oferecer demais o que

não podia, pois, agora passou ela a ser a dona da verdade. E como pode ocorrer aos vencedores aquela não percebeu que seu orgulho aumentou e passou ela, a ciência, a ser a dona da verdade. Ofereceu à humanidade um caminho seguro com respostas seguras, objetivas baseadas nos experimentos. Se antes a teologia oferecia um caminho seguro para os céus, respondia as questões sobre o que ocorre com a alma após a morte, dizia que os males da vida eram da vontade de Deus, as respostas seguras da ciência davam a sensação de que as coisas da vida estavam sob controle e em ordem, o barco seguia um caminho seguro no mar.

Com o advento da pós-modernidade, percebemos que o ser humano está em crise, pois, a ciência não foi capaz de fornecer as explicações e solucionar os problemas da alma. No século dominado pelo “saber científico” em meio à fartura das conquistas tecnológicas, somos incapazes de responder as nossas inquietações existenciais. A modernidade, com seu domínio na área do conhecimento, levou a humanidade a uma situação de falta de referências, a um vazio moral, embora tenha materialmente quase tudo (ROJAS 1996). Diante de tanta prosperidade tecnológica, solidifica a cultura do TER, enfraquecendo a compreensão do SER. Mediante essa supervalorização da posse, dos bens materiais em vez do humano, instaura-se a crise, uma crise, mística e existencial. O ser humano está perdido em meio a tanta superficialidade. A cultura do prazer imediato e a qualquer preço, como algo que pode ser encontrado na próxima prateleira, leva a humanidade ao aprofundamento dessa crise. A violência, a drogadição, o desmantelamento das instituições – produtoras de sentido –, e o enfraquecimento dos valores humanos, são provas cabais deste fenômeno.

Nos dias em que vivemos, constatamos a presença do espírito do utilitarismo que leva a sociedade a tratar as coisas pelo seu valor real, deixando de lado a sensibilidade e o amor pelas coisas, não pelo que realmente são. O quadro produzido é a relação das pessoas com o mundo ao seu redor, medindo as coisas e pessoas que passam a estabelecer uma relação de aparência pelo que possuem e reconhecidas e valorizadas pelo que possuem. O Ter é mais importante do que ser; instaura-se a cultura da aparência. O importante é parecer que tem algo. As

peças querem viver pelo ópio da superficialidade da aparência, tentando sustentar o que não são e não possuem, mostrando ao mundo uma roupagem estética, querem ter para mostrar, querem impressionar quando na realidade não há condições financeiras para tal, vivem consumindo o que não precisam.

A pressão exercida pelo mundo capitalista sobre o ser humano contribui de forma significativa para aprofundar a falta de sentido na vida, pois pensamos que o vazio existe devido ao fato de termos falta das coisas, porém, quando compramos as coisas que desejamos o vazio desaparece por algum tempo, só que nos damos conta de que ele ainda continua, assim, entramos em um ciclo constante de desejo - compro e logo, após, retorna a sensação de vazio. O desejo da ausência da coisa amada, trazendo à tona os sonhos do imaginário. Uma realidade que vive o real e o imaginário produzindo uma vida de ilusão. Os mitos se avolumam as religiões crescem e o ser humano busca encontrar uma vida que faça sentido para a sua existência.

Encontrando nos braços da religião um apoio, um apoio, um consolo para a caminhada da vida, o viver humano é coberto de incertezas, é a era das incertezas inaugurada pela ciência. O ser humano desejava a liberdade de escolher, a liberdade para seus atos, a liberdade para uma vida sem as amarras de deuses de outro mundo visitando o nosso tempo e ditando as regras, porém, como é interessante o que acontece após a conquista dos sonhos, os sonhos alcançados com o tempo parecem que sofrem desgaste e perdem o significado e buscamos novos sonhos e, assim, num eterno retorno vamos vivendo nossos projetos pessoais, vamos construindo aqui, e vamos produzindo ali, e a vida vai trilhando os caminhos que não pensamos um dia em passar e coisas novas surgem no nosso caminho; pessoas cruzam nossos caminhos e literalmente entram para nunca mais sair, e todas as conjunturas da vida, os sonhos conquistados contribuirão para preencher as lacunas internas e cobrindo as de sentido. A era das incertezas gera uma crise profunda no ser humano conforme observa Wagnon Alves:

*Em meio a essas mudanças, a humanidade se vê perdida diante do cientificismo, incapaz de satisfazer o vazio da alma humana,*

*que se volta para a religiosidade na tentativa de encontrar o “elo perdido” e de fazer significar sua própria existência. (Wagno ALVES, dissertação de mestrado, 2009).*

A falta de certezas e a constante descobertas produzidas pela ciência tem contribuído para a crise que a era atual vivencia, as constantes mudanças de teorias tem gerado um clima de instabilidade e insegurança, o que é uma verdade anunciada pela comunidade científica, hoje, amanhã não é, devido as novas descobertas. O ser humano busca viver em mundo ordenado e estável onde possa saber do seu amanhã.

Depois de analisado o ser humano em alguns pontos importantes é necessário que mergulhemos no sentido da vida pela via da religião. No próximo capítulo, apresentaremos a religiosidade como fonte para o sentido da vida, como a religião consegue produzir sentido a vida e a existência do ser humano.

### 3 – A Religião como fonte de sentido para a vida

Já conseguimos perceber a posição da ciência sobre a religião. Para aquela, a religião é um construto da própria sociedade com fim a tornar a convivência melhor, a fazer com que as pessoas respeitem os direitos do próximo, por isso, a religião serve como uma argamassa que ajuda a fixar os tijolos da sociedade. Para muitos uma ilusão. Ópio. Rede de símbolos do imaginário. O maior sonho da humanidade é construir um mundo que faça sentido e a religião parece ser uma dessas ferramentas. Muitos têm encontrado na religião o sentido último para as suas vidas. Muitos estudiosos tinham previsto o fim da religião, mas, ela permanece de pé e as vezes tem mostrado uma vitalidade antes adormecida (Rubem Alves).

*O sentido da vida: não há pergunta que se faça com maior angústia, e parece que todos são por ela assombrados de vez em quando. Valerá a pena viver? A gravidade da pergunta se revela na gravidade da resposta. Porque não é raro vemos pessoas mergulhadas nos abismos da loucura, ou optarem voluntariamente pelo abismo do suicídio por terem obtido uma resposta negativa. (ALVES, 2011, p. 120).*

Creio que uma das maiores perguntas que os seres humanos fazem a si mesmos é desejarem saber qual é o real sentido da vida. Como diz Rubem Alves sobre o valor da vida, valerá a pena viver? Os humanos buscam um mundo que valha a pena viver, tentam construir um mundo que faça sentido para as suas vidas. Outras pessoas, como observou Camus, se deixam matar por ideias ou ilusões que lhes dão razões para viver: boas razões para viver são também boas razões para morrer (ALVES, 2011).

*Mas o que é isto, o sentido da vida?  
O sentido da vida é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar. Não é algo que se construa, mas algo que nos ocorre de forma inesperada e não preparada... (ALVES, 2011, p.120).*

Rubem Alves pontua muito bem o que pode ser o *sentido da vida*. Para ele é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar.

Ocorre de forma inesperada e não preparada. Talvez aqui se encaixe bem a religião como fornecedora de sentido para a vida, pois, como ela fornece consolo, paz, um mundo por vir melhor, explicações para os momentos de dor. “A religião trabalha muito o lado emocional. Ela funciona como se fosse uma brisa suave que nos atinge”, pontua Rubem Alves, é ainda a intensificação da vontade de viver a ponto de nos dar coragem para morrer, por aquelas coisas que nos dão à vida o seu sentido.

O sentido da vida são as coisas que nos preenchem de forma tão profunda que os sentimentos transbordam e nos sentimos possuídos de paz, de alegria, possuídos pelo sentimento de eternidade como diz Romain Rolland - sensação infável de eternidade e infinitude, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse um útero materno de dimensões cósmicas.

*“ver um mundo em um grão de areia / e um céu numa flor silvestre, / segurar o infinito na palma da mão / e a eternidade em uma hora” (Blake).*

Para Rubem Alves, o sentido da vida é um sentimento e para ele se a pretensão da religião terminasse aqui, tudo estaria bem. Porque não há lei que nos proíba se sentir o que quisermos. Para ele, o problema da religião é querer transformar tal sentimento, interior e subjetivo, numa hipótese acerca do universo. Para o ser humano religioso o universo inteiro faz sentido, mas, para o cientista isto não faz sentido algum. E neste embate temos o ser humano buscando, tateando no escuro conforme elucida Wagno Alves abaixo.

*O homem atual não se liga permanentemente a coisa alguma; está em contínua busca; busca algo que o satisfaça, que lhe dê prazer; encontra-se em constante trânsito e numa permanente procura. Nessa busca, ele tem um objetivo em mente – a satisfação de seus desejos e anseios – mesmo que isso nem sempre esteja muito claro em sua compreensão. Segundo Marshall Barman, “a moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazão de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN; 1986:21). Por essa razão, a humanidade se põe a*

*caminho, numa peregrinação sem fim, na tentativa de encontrar sentido e significado em meio a um mundo de possibilidades.*(Wagno ALVES, 2009, p. 12).

No trecho acima de Wagno Alves, ele com riqueza de detalhes consegue captar a peregrinação vivenciada pelo ser humano moderno. A busca se dá na tentativa de encontrar “a satisfação de seus desejos e anseios” e nesta busca encontra na religião também satisfação. Alguns encontram a realização por pouco tempo e logo se voltam para a peregrinação. Outros encontram seu porto seguro na religião, fincam suas âncoras para nunca mais içarem. A religião para eles foi capaz de preencher o vazio e fornecer sentido para a vida. Para Marshall Berman, o ser humano vive o momento do vazio e de várias possibilidades ao mesmo tempo e as muitas opções nos colocam na estrada em busca do significado. Mas, o ser humano moderno não se liga permanentemente a coisa alguma, vive numa constante busca. Este é um tempo de constantes mudanças. A marca do transitório, do circulante e do descartável está presente na vida contemporânea.

*A falta de sentido se caracteriza pelo vazio de valores sólidos, estruturas e modelos fixos que foram constituídos na modernidade e desconstruídos na pós-modernidade, sem que algo mais sólido fosse promovido até o momento. Se a modernidade implanta de forma mais sólida a busca da verdade objetiva por meio da ciência, “abandonando” o dado que era revelado pela religião, a pós-modernidade, aqui entendida como contemporaneidade, descarta este dado e se lança na busca de novas experiências. A ausência do dado, do que era aceito pela fé, faz surgir o vazio...*(Wagno ALVES, dissertação de mestrado, 2009, p.13).

Para Wagno Alves, a falta de sentido se caracteriza pelo vazio de valores sólidos, a religião fornece um terreno firme para que o ser humano possa agarrar-se e dependurar sua vida. As verdades fornecidas pela ciência não fazem com que alguém esteja disposto a morrer por elas, pois, são verdades frias e objetivas. Já as verdades produzidas pela religião parecem tão concretas que muitos dariam suas vidas por elas. Só que a ciência ao longo do tempo conseguiu tirar a estrutura sólida construída pela religião, porém, não foi capaz de colocar no lugar outros valores, outras estruturas que fossem sólidas; e como a ciência se caracteriza pela

transitoriedade de suas descobertas mais ainda contribui para que o ser humano moderno se sinta perdido, se sinta vazio e não consiga se ligar permanentemente a coisa alguma, em meio ao caos produzido por tanta incertezas, ele pode dizer como falou Chassot, “Só tenho uma certeza: as de muitas incertezas” (CHASSOT; 2004: 256). Desta forma, a humanidade procura e se coloca a caminho, na busca de algo que signifique e dê sentido à própria existência, que preencha o vazio existencial da sua vida. O ideal que buscamos é poder afirmar que o universo inteiro faz sentido e vibra com as nossas alegrias conforme elucida Rubem Alves abaixo:

*Afirmar que a vida tem sentido é propor a fantástica hipótese de que o universo vibra com nossos sentimentos, sofre a dor dos torturados, chora a lágrima dos abandonados, sorri com as crianças que brincam... Tudo está ligado. Convicção de que, por detrás das coisas visíveis, há um rosto invisível que sorri, presença amiga, braços que abraçam,...E é esta crença que explica os sacrifícios que se oferecem nos altares e as preces que se baluciam na solidão. (ALVES, 2011, p. 121).*

Rubem Alves parece sugerir que atrás da afirmação de que a vida faz sentido se esconde a resposta da crença em tal afirmação. A religião declara que há uma mão que rege o universo. Talvez o rosto invisível que Rubem Alves fala acima seja esta presença amiga que é encontrada na religião, desejada e buscada pelos humanos que declaram que há um Deus. Somente esta crença para esclarecer os sacrifícios e as preces que homens e mulheres fazem para a divindade. O que notamos é que a religião ainda continua a suprir a necessidade existencial de milhares de pessoas ao redor do mundo. As previsões dos cientistas sobre o fim da religião não se cumpriram, ela pode ter perdido a excelência como a que tem todas as respostas, porém, quanto ao tocante de fornecer sentido à vida, ela está de pé. Basta olharmos ao nosso redor e veremos como ela está infiltrada no seio de nossa sociedade. E o universo inteiro vibra com a nossa crença de que não estamos sós, aquela presença amiga pode estar em qualquer lugar e para a religião é ela que sustenta todas as coisas, é a vida que fornece vida.

*Creemos que o universo possui um coração humano, uma vocação para o amor, uma preferência pela a felicidade e pela liberdade – tal como nós. Assim, anunciar que a vida tem*

*sentido é proclamar que o universo é nosso irmão. E é esta realidade, âncora de sentimentos, que recebe o nome de Deus.* (ALVES, 2011).

Para Rubem Alves, o universo possui um coração humano, uma vocação para o amor, para a felicidade tal como nós. Ao anunciarmos que a vida faz sentido, estamos dizendo que aquele rosto amigo é nosso irmão. É a esta realidade que depositamos nossos sentimentos, entregamos nossa vida diariamente, a que damos o nome de Deus. Rosto invisível que na religião ganha visibilidade e deixa de ser o Deus distante para tornar-se o Deus presente. O Deus que é a âncora dos sentimentos mais profundos do ser humano, sentimentos das mais variadas formas, que por meio das preces e orações se faz presente e responde à fé dos homens. Na religião aquele braço amigo, aquele sorriso distante, aquele rosto invisível torna-se visível e presente. Assim, na religião encontram-se as respostas para as angústias, para os sofrimentos, para as dores da vida, pois, tudo faz sentido; aquela presença amiga está junto vendo acompanhando cada passo que o sujeito de fé faz. As aflições que o ser humano religioso passa são provações para testar sua fé, testar sua credibilidade no seu Deus e vê até onde ele consegue suportar. Tudo faz sentido, nada é em vão. A vida ganha nova dimensão e esperanças. Desta maneira, a vida ganha novos sentidos e motivos de existência. Ela deixa de ser apenas aquela vida de trabalho e na religião ganha novas cores. Cores que fornecem sentido.

Como afirmar o sentido da vida perante a morte?” (Rubem Alves). Que palavras de consolo podemos oferecer aos que perderam seus amados, aqueles que não viram sequer seus filhos completarem um dia de vida, aqueles que tragicamente foram levados pela morte, que palavras podemos dizer: a aqueles que nunca mais verão seus parentes. “Como afirmar o sentido da vida perante o absurdo da existência representado de maneira exemplar pela morte que reduz a nada tudo o que o amor construiu e esperou?” (Rubem ALVES). Diante da morte temos que nos calar e pensar apenas em viver uma vida que realmente faça sentido, pois, quando a morte bate a porta, o tempo acaba para todos os mortais. A nossa vida está neste pêndulo entre a vida e a morte. Para Rubem Alves este sentido está:

*O sentido da vida se dependura no sentido da morte. E é assim que a religião entrega aos deuses os seus mortos, em esperança... Entre as casas dos deuses e as dos mortos brilha a esperança da vida eterna para que os homens se reconciliem com a morte e sejam libertados para viver. Quando a morte é transformada em amiga, não é mais necessário lutar contra ela... A sociedade é um bando de homens que caminham, lutando, em direção à morte inevitável. (ALVES, 2011, p. 124).*

Para a religião, a morte não é soberana devido a ela entregar a esperança da vida eterna. A morte deixa de ser uma inimiga e passa a ser amiga. Na religião a morte não é mais tenebrosa, ela é um acesso à esperança da eternidade que só se inicia com a morte. Assim, deixa de ser temida para apenas ser aguardada, ela iniciará a era de descanso. Dentro da visão religiosa, este mundo é lugar de sofrimento e dores, e a morte trará um novo tempo de paz na presença de Deus. “A religião obriga a inimiga a se transformar em irmã... Livres para morrer, os homens estariam livres para viver” (Rubem Alves).

O curioso é que o ser humano é um ser utópico vive de desejos e ilusões que procura vive-las intensamente a cada conquista, Croatto sintetiza bem.

*O ser humano tende à totalidade. Por isso, sente com tanta intensidade suas necessidades e limitações. E busca superá-las. É um ser que busca romper constantemente seus limites, conseguir superá-los, porém, é uma miragem, uma u-topia, algo que não existe em lugar algum. Agora podemos entender melhor o tema da salvação na instância religiosa. (CROATTO, 2010, p. 43).*

Severino Croato responde como ninguém às aspirações da alma humana; para ele o ser humano é um ser que busca romper constantemente seus limites, não importa se conseguimos ou não superar os limites, o importante é observar que dentro de cada um de nós bate esta melodia da alto superação. E como uma bomba que nos impulsiona para frente, mesmo após sonhos conquistados, um desejo se renova e nos colocamos em marcha para novas ideias. Parece que é a totalidade que queremos e como não a alcançamos ficamos nesta aspiração por algo que seja maior do que nós. E na religião esta sensação de algo transcendente existe.

Para Rubem Alves, o sentido da vida não é um fato, ela depende de um futuro, pois, vive de horizontes utópicos que os olhos não viram e que só podem ser contempaldos pela via da imaginação. Para ele, Deus e o sentido da vida são ausências realidades por que se anseia, dádivas da esperança. A grande marca da religião talvez seja: a esperança. E podemos talvez afirmar, como Ernest Bloch: “Onde está a esperança, ali também está a religião”.

Rubem Alves pensa que “a visão é bela, mas não há certezas.” Devido a alma religiosa ter de se lançar no abismo abandonando todos os pontos de apoio, tendo apenas as evidências do sentimento, do amor, das sugestões da esperança. Nas palavras de Pascal e Kierkegaard, trata-se de uma aposta apaixonada. E o que é lançado sobre a mesa das incertezas e das esperanças é a vida inteira.

Nas últimas palavras de Rubem Alves em seu livro *O que é religião* deixamos aqui para nosso deleite e meditação.

*Mas, e Deus, existe? A vida tem sentido? O universo tem uma face? A morte é minha irmã?” Ao que a alma religiosa só poderia responder: “ Não sei. Mas eu desejo ardentemente que assim seja. E me lanço inteira. Porque é mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido...” (ALVES, 2011, p. 125).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar este longo e auspicioso trabalho outros temas dividiram minha atenção e roubaram um pouco da minha tranquilidade. Sabedor de que era necessário um tema que me empolgasse para começar esta jornada, por fim, depois de muitas conversas com minha nobre orientadora, conclui que “a religiosidade como fonte para o sentido da vida, um olhar de Rubem Alves” era o melhor caminho a seguir. Desta feita, com pouco tempo e muita vontade aprofundei minhas leituras e anotações no grande autor e acadêmico. Ele foi meu guia nesta maravilhosa jornada, alicerçando minhas argumentações sobre o sentido da vida que é fornecido pela religião. Em seu livro, *o que é religião*, muitas das idéias que nutria sobre a religião como fonte para o sentido da vida foram confirmadas. Assim, como uma coluna suas teses e de outros mestres em seus escritos foram meu norte. A caminhada foi proveitosa e confirma a tese de que a religião é ainda e continuará sendo um grande porto seguro para o ser humano. Pois, a alma sonha com um mundo que faça sentido para sua existência. Nossa existência, nosso dia-a-dia está pendurado em buscar, procurar, agarrar o sentido da vida. Grandes e pequenos não importa quem seja, todos nós vivemos tateando para termos aqueles “momentos que sejam eternos” (Alves, 2011), que tragam profundos sentidos para nosso caminhar e a religião consegue ofertar sentido para a vida, sentido após a morte. No mundo utilitário que vivemos cada vez mais o ser humano procura encontrar o sentido da vida, uma vida que faça sentido.

Todas as alterações que ocorreram no mundo afetaram substancialmente a existência humana e o próprio ser humano. Isso forçou - o a uma busca de identificações e à necessidade de construir novas formas de significações, para si mesmo e para o mundo que o rodeia. Em meio a esse estado de constantes mudanças e de incertezas, surge a necessidade de definição de quem é o ser humano – afinal, vivemos a era da ciência e do conhecimento. Por essa razão, a humanidade não pode se contentar com essa condição e se lança em uma busca em que o religioso se apresenta como caminho e resposta para todas as suas indagações e questionamentos.

A religião e/ou a religiosidade se apresentam como um campo profícuo de estabelecimento de novas cadeias de significados e sentidos. Por esse motivo, compreender a religiosidade humana é entender a própria existência do homem. Desta feita, quando o ser humano se lança nessa busca, se vê em meio a um emaranhado de credos e confissões, possibilitando, e complicando ao mesmo tempo, o encontro e a solução para seus questionamentos. Nesse aspecto, compreende-se melhor a fala de Victor Frankl, ao afirmar que o “sentido não pode ser dado. Deve ser encontrado” (FRANKL; 1992: 18). É, portanto, uma invenção, um encontro, uma construção. Logo, a vida religiosa proporciona um amplo caminho de possibilidades visto que ela se fundamenta, precisamente, numa experiência vivencial de encontro do crente com Deus, o Todo Poderoso. Afirma Frankl: “o sentido deve ser encontrado e não produzido” (FRANKL, 1991, p. 18). A humanidade está, então, à procura desse sentido. O ser religioso deste tempo é plural, como plural é este tempo. Encontra-se em movimento porque em movimento se encontra este momento. A crise deste tempo demarca a própria existência humana e, em meio a tantas incertezas, ela busca no religioso, que demanda uma nova maneira de ser, se estabelecer. O vazio deixado pelo frio conhecimento científico e tecnológico conduz a humanidade a esse estado de insegurança. O ser humano precisa é de um porto seguro e a ciência tem produzido mais insegurança, devido a fundamentar suas teses em cima de incertezas, as descobertas científicas são passíveis de mudanças à medida que novas descobertas surgem. Desta forma, a religião que tem sua história e construção alicerçada há milênios aparece como grande refúgio para todos aqueles que têm suas almas atormentadas pelos dias atuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *O Que é Religião?*. 11ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

ALVES, Wagno A. *Trânsito Religioso e Busca de Sentido: Um Estudo da Subjetividade Religiosa na Contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado defendida na Fundação Educacional de Divinópolis da Universidade Estadual de Minas Gerais, orientada pelo Prof. Dr. Leandro Pena Catão, em 20 de março de 2009, Divinópolis.

BEGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia e Teologia e Filosofia*. 3º ed. V6. São Paulo: Candeia, 1995.

CHASSOT, Attico. *A Ciência através dos tempos*. São Paulo: Moderna, 2004.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma introdução à linguagem da religião*. São Paulo: Paulinas, 2010.

DURKHEIM, Emile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANKL, Viktor. *A Presença Ignorada de Deus*. 2º ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

FREUD, Sigmund. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Futuro de Uma Ilusão*. Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Imago, 1927.

HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em Busca do Homem*. São Paulo: Arx, 2006.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

ROJAS, Enrique. *O Homem Moderno: a luta contra o vazio*. São Paulo: Mandarin, 1996.

WEBER, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 12º edição, São Paulo: Pioneira, 1997.